

Cena

v. 44, nº 2, maio - ago 2026

Pessoas Velhas no Sapateado: Grupo *Gingers*

Old People in Tap Dance: Gingers Group

Rafaeli Mattos de Oliveira Bastos¹

<https://orcid.org/0000-0002-4167-2458>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

E-mail: rafaelimattos01@gmail.com

Joana Ribeiro da Silva Tavares²

<https://orcid.org/0000-0001-5608-4731>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

E-mail: joana.tavares@unirio.br

1 Doutora em Artes Cênicas - UNIRIO, Mestre em Artes Visuais (Teoria e Experimentação da Arte) - UFRJ, Bacharel em Dança (intérprete e coreógrafa) - UFRJ e Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança UFBA/FAV. Realizou Doutorado Sanduíche na Faculdade de Motricidade Humana (FMH) da Universidade de Lisboa.

2 Professora Associada na Escola de Teatro e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/PPGAC/UNIRIO. Coordenadora do Laboratório Artes do Movimento e Líder do grupo de pesquisa Direção de Movimento e Dança (MOVIDA/CNPq). Realiza pesquisa de pós-doutorado no PPGAC/UFOP.

Resumo: O artigo apresenta um fenômeno em crescimento na sociedade brasileira nos últimos anos, no qual indivíduos idosos estão buscando aulas de *tap dance*, e, com isso, criam um espaço próprio no contexto artístico e estético dessa arte. Desta observação emerge a seguinte questão: como trabalhar com corpos tão inusuais, quase inimagináveis, que fogem ao estereótipo convencional desse fazer artístico? Abordar esta dança pela perspectiva do gesto sapateado possibilita a expressão de cada ser. O campo do envelhecimento criativo da gerontologia social revela que os processos de envelhecimento são diversos e que cada indivíduo pode inventar sua própria “bela velhice” (Goldenberg, 2017). Nesse sentido, o foco se debruça sobre aqueles que escolheram a arte de sapatear como projeto de vida no envelhecimento, como o *Grupo de Sapateado Sapatos Ageless*, autointitulado “*Gingers*”, que optou por envelhecer com o glamour das grandes estrelas de *Hollywood*. A análise autoetnográfica da experiência performática com o elenco idoso a partir de autores como Arguello e Ayala (2017), Lepecki (2016, 2017) e Tótora (2016), conduz ao entendimento de que sapatear e envelhecer possuem como ponto em comum a diversidade e a criatividade.

Palavras-chave: Dança. Envelhecimento. Gesto. Sapateados.

Abstract: The article presents a phenomenon that has been growing in Brazilian society in recent years, in which elderly individuals are seeking tap dance classes and, through this, creating their own space within the artistic and aesthetic context of this art form. From this observation, the following question arises: how can one work with such unusual, almost unimaginable bodies that deviate from the conventional stereotype of this artistic practice? Approaching tap dance from the perspective of gesture enables the expression of each individual. The field of creative aging within social gerontology reveals that aging processes are diverse and that each individual can invent their own “beautiful old age” (Goldenberg, 2017). In this sense, the focus is on those who have chosen the art of tap dancing as a life project in aging, like the members of *Sapatos Ageless Tap Group*, self-titled the “*Gingers*”, who have chosen to grow old with the glamour of the great Hollywood stars. The autoethnographic analysis of the performative experience with the elderly cast, based on authors such as Arguello and Ayala (2017), Lepecki (2016, 2017), and Tótora (2016), leads to the understanding that tap dancing and aging share diversity and creativity as common points.

Keywords: Aging. Dance. Gesture. Tap dances.

Introdução

O pensamento acerca dos gestos sapateados e sua abordagem prática não privilegiam nem excluem realidades de corpo, podendo conduzir o profissional dessa arte por caminhos inimagináveis. Cada corpo sapateador é único; no entanto, talvez os corpos velhos sejam os mais peculiares, pois propõem o desafiador confronto entre vigor e fragilidade. Os caminhos convencionais não foram suficientes para enfrentar esse confronto por estarem no âmbito entre a arte e a vida, ou melhor, nas formas de existir. Descobrir que a arte do sapateado pode tornar significativa uma fase específica da vida – a velhice – inspira a criação de gestos que potencializam esses corpos e os incluem no contexto dessa arte, como reflete Leda Maria Martins (2021):

O gesto, como uma *poiesis* do movimento e como forma mínima, pode suscitar os sentidos mais plenos. O gesto esculpe, no espaço, as feições da memória, não seu traço mnemônico de cópia especular do real objetivo, mas sua pujança de tempo em movimento (Martins, 2021, p. 86).

Chang (2016) informa que a autoetnografia é um método que busca compreender a relação entre experiência pessoal e contexto cultural, articulando *self*, outros e cultura. Nesse sentido, a experiência única de disponibilizar o sapateado para pessoas idosas conduz a narrativa para a primeira pessoa, despontando em um cenário no qual a presença de pessoas da faixa etária referida era raríssima no âmbito dessa arte, excetuando-se profissionais em eventos específicos. Trata-se de um olhar criativo, cunhado pelo ensino da dança sapateada para pessoas velhas, abordagem da qual emergem novos procedimentos coreográficos. Fez-se ainda necessário o contato com os estudos do envelhecimento, os quais fundamentam suas análises a partir da faixa etária dos 40 anos.

Essas vivências indicam que o sapatear e o envelhecer compartilham a criatividade e a diversidade como elementos comuns, contribuindo para a criação de uma forma específica de sapateado. Nesse sentido, o *Grupo de Sapateado Sapatos Ageless*³, autointitulado *Gingers*, percebe a linguagem do sapateado como uma fonte criadora e os corpos velhos como uma potência estética na contemporaneidade.

Sapateado e envelhecimento: uma estética da existência

“O que pode a velhice? O que ela nos dá, e não apenas o que ela nos tira?” (Tótora, 2016, p. 7). Na atualidade, a fase do envelhecimento tornou-se um momento de realização de sonhos e trouxe, ao grupo das *Gingers*, a arte do sapateado. A cada dia, é possível constatar que, por meio do sapateado, a pessoa idosa pode se tornar uma potência. Nessa perspectiva, o sapateado empodera o envelhecimento em diversos aspectos, dignifica e dá propósito, possibilitando o pertencimento ao mundo.

Desde 2013, o cenário da dança, especificamente do sapateado estadunidense praticado no Brasil, vem sofrendo uma invasão grisalha, forçando esses ambientes a se adaptarem e a abrirem espaços para uma realidade de corpo que busca, acima de tudo, a realização pessoal e a alegria de viver. No mesmo ano, seguindo essa linha, surgem coincidentemente, e de modo simultâneo, as ações de Aline Carneiro, com o *Instituto Jovens de Coração – Tap da Longevidade*⁴ em São José dos Campos–SP, e as iniciativas de Rafaeli Mattos, com as *Oficinas de Sapateado para Terceira idade*⁵, que se transformaram na *Oficina de Sapateado Ageless 60+* e *Gingers – Grupo de Sapateado Sapatos Ageless*, na cidade do Rio de Janeiro.

Embora seja conhecido que, antes desse período, houve algumas ações isoladas de aulas de sapateado para idosos, os grupos em questão, que estão em atividade contínua, colocam o sujeito senescente⁶ em cena, rompendo as barreiras das salas de aulas e das apresentações de fim de ano de seus respectivos espaços de dança. Oferecem outra perspectiva de sapatear, influenciando os festivais e escolas de sapateado, os professores, o contexto artístico e os espaços para idosos da sociedade brasileira. O sapateado estadunidense praticado no Brasil tem se tornado sinônimo de dança para velhos, mudando todo um paradigma do que significa envelhecer na contemporaneidade.

Aqui, o foco se situa nas pessoas idosas que adotaram a arte de sapatear como projeto de vida na velhice. O objetivo é debruçar-se sobre as vivências e as experiências desenvolvidas com o público em fase do envelhecimento. Ao longo das décadas passadas, diversas políticas públicas e organizações não governamentais (ONGs) ofereceram ativi-

3 Ver em: <https://www.instagram.com/grupodesapateadogingers/>. Acesso em: 01 set. 2025.

4 Ver em: <https://www.instagram.com/institutojovensdecoracao/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

5 Oficinas realizadas no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro nos anos de 2014 e 2016.

6 Senescência: alterações fisiológicas e naturais do corpo humano no processo de envelhecimento.

dades físicas aos idosos, priorizando a saúde e a qualidade de vida. Contudo, é curioso observar que esse público vem se engajando cada vez mais, por conta própria, em práticas e atividades que promovem tais benefícios, investindo em matrículas em academias, sejam elas de ginástica ou de outras práticas corporais, além de escolas ou espaços de dança. Recorrentemente, ouço a frase dos alunos dos mais diversos grupos: “Sempre quis realizar o sonho de sapatear!” e, a partir dessa declaração, muitas histórias se desenrolam.

Goldenberg (2011) ressalta que a beleza da velhice está, exatamente, na sua singularidade, nas pequenas e nas grandes escolhas que cada indivíduo faz ao tentar concretizar seus projetos de vida. Ter um projeto de vida, segundo a referida autora, é não se aposentar de si, rejeitando os estereótipos ao criar novas possibilidades e significados para o envelhecimento. Embora essa fase da vida seja associada a perdas, como as limitações físicas, doenças, solidão, redução de status, é possível, em contrapartida, encontrar aspectos positivos como amadurecimento, experiência, maturidade, sabedoria e aprendizado. A autora afirma que muitos velhos mostram que a liberdade e a felicidade são conquistas que se tornam possíveis somente na vida madura e, por isso, incorporam a felicidade como um ganho do envelhecimento. Pensando nos aspectos positivos do envelhecimento, Alan D. Castel (2019) afirma que uma atitude positiva diante da velhice proporciona um envelhecimento bem-sucedido, e acrescenta a felicidade como elemento agregador dessa positividade. O autor sugere que os sorrisos e as gargalhadas são fatores que influenciam na longevidade, sendo indicativos de felicidade diferenciada, que se distingue dos estereótipos tradicionais, refletindo maior estabilidade e regulação emocional.

Por esses motivos, é compreensível que alguns idosos tomem a dança como projeto de vida de envelhecimento. A experiência e a vivência da dança, em qualquer estilo ou modalidade, promovem o sentimento de prazer e satisfação com a vida para o idoso. Souza (2011) afirma que, para Dalcroze, a inteireza do gesto é uma fonte de satisfação e alegria. Segundo Goldenberg (2017), o segredo para se atingir uma “bela velhice”, com felicidade, está em desenvolver um “projeto de vida”.

A gerontologia social adota uma abordagem da saúde, que considera os aspectos biológicos, sociais, culturais e relacionais, analisando os processos de envelhecimento ao longo do tempo, com ênfase em uma velhice bem-sucedida. Para isso, reflete de forma interdisciplinar sobre o protagonismo da pessoa velha na contemporaneidade. O envelhecimento criativo, por sua vez, está relacionado a um projeto de vida que atribui significados ao processo de envelhecimento, auxiliando na construção de uma bela velhice. Desse modo, a importância da arte na longevidade reside na autoexpressão criativa e no sentido de propósito e significado.

Importante notar que envelhecimento e longevidade são conceitos distintos. O envelhecimento trata das mudanças psicossociais do indivíduo, enquanto a longevidade refere-se ao aumento da expectativa de vida. A longevidade está frequentemente associada à velhice ativa ou à qualidade de vida, visando reduzir, a todo custo, os aspectos biológicos para atingir um envelhecimento considerado aceitável, ou seja, em que as características da juventude são preservadas. Há um imperativo social de construir um desejo coletivo de prolongar a vida no tempo, em vez de estimular o indivíduo a simplesmente viver para experimentar as potências do corpo. Afinal, como nos lembra Suzi Weber (2020): “A idade não é apenas biológica, mas também social e cultural” (Weber *et al.*, 2020, p. 143, tradução nossa). Essa tentativa de “longevidade” busca uniformizar o processo de envelhecimento, ignorando que cada pessoa tem uma maneira subjetiva de envelhecer, ou seja, a velhice é diversa.

Tótora (2016) propõe o conceito de velhice como acontecimento a partir da conexão entre vida e tempo, sendo este um entretempo que passa entre os instantes vividos, no qual se deixa de ser o que é para se tornar sempre diferente; o vivido é atualizado a cada momento, sendo “a vida como [d]obra de arte” (Tótora, 2016, p. 14). Desse modo, a vida é um acontecimento, não se subdivide em fases, sendo um fluxo de devir que não tem iní-

cio nem fim. A autora apresenta seu conceito de potência da velhice onde se deixa “fluir a vida para a invenção de modos subjetivos de existência” (Tótora, 2016, p. 15). A proposta de nortear a potência da velhice como obra de arte posiciona essa fase da vida como um modo singular de existência, podendo trazer alegria ao indivíduo que se sente em posse do seu poder de agir:

Torna-te velho é o mesmo que afirmar: aprenda a envelhecer para criar novos modos de existência. A velhice, nesse sentido, deixa de ser uma fase cronológica e passa a constituir-se em atitude para fazer a vida recriar-se a cada momento como se fora o derradeiro dia (Tótora, 2016, p. 38-39).

Fundamentada em Foucault, a autora afirma que a estética da existência é uma operação artística do viver, sem códigos estabelecidos de comportamento (Foucault, 1998, *apud* Tótora, 2016). Para as pessoas idosas que começam a sapatear na velhice, essa arte torna-se o dispositivo de recriação de sua existência. No palco fica evidente a articulação vida-arte-vida, pois, ao mesmo tempo que afetam o público, os idosos se afetam pela experiência de serem artistas do sapateado. Criam um imaginário de estrelas do sapateado estadunidense, mas com uma estética visual de corpos envelhecidos, que combina as histórias de vida expressas pelas marcas corporais e limitações pessoais de cada integrante com as referências simbólicas dos musicais. Assim, apresentam um sapateado tão singular e único quanto a realidade de cada pessoa presente no palco. Mais do que a técnica, a potência dessa estética está na alegria de estar vivo, apesar das mazelas da vida, performando o envelhecimento como obra de arte da vida:

Corpos mais velhos, que acumulam experiência, corpos maduros e cheios de contradições: nossos corpos oscilam constantemente entre a força e a vulnerabilidade, entre a expertise do movimento e as dores e os limites físicos. Envelhecer é entender que, surpreendentemente, sempre há novos desafios e possibilidades para o corpo. Até mesmo nossas lesões e doenças nos permitem descobrir novas maneiras de movimentar o corpo e outras maneiras de nos recuperar e recuperar nossa vitalidade (Weber *et al.*, 2020, p. 149, tradução nossa).

O filósofo Arthur Schopenhauer (2016), usualmente conhecido por suas obras de cunho pessimista e por sua visão radical de que a vida não é bela, muda de perspectiva diante de seu próprio envelhecimento, fase em que encontra beleza e felicidade. Afirma que o autocuidado é mais importante que o autoconhecimento, sendo aquele responsável por “conferir uma forma bem-sucedida à nossa existência, do mesmo modo que o artista imprime o belo à sua obra” (Schopenhauer, 2016, p. XVI). Propõe a arte de envelhecer como a arte de ser feliz, pois o sujeito velho possui uma representação mais completa da vida, em sua totalidade, sendo um momento de paz e plenitude, o coroamento da existência.

Em consonância com o pensamento aqui exposto, a arte do sapateado, para esse grupo, é mais que uma atividade para ocupar o tempo; trata-se de uma filosofia de vida que transforma a pessoa idosa em uma potência, que imprime beleza à vida cotidiana e à fragilidade das histórias vividas na estética cênica. O grande desafio é garantir que a “técnica” não ofusque as sutilezas dessa presença velha sapateada.

Grupo de sapateado sapatos ageless: um jeito Ginger Rogers de envelhecer

Ao longo dos anos, quase que majoritariamente, as pessoas idosas que recebi em minhas salas de aula apresentavam o mesmo apelo: sapatear como os artistas dos musi-

cais de *Hollywood* e da *Broadway* – um imaginário tão fortemente construído que extrapolou o âmbito da sala de aula.

Inicialmente, eu não considerava a possibilidade de levar essas pessoas ao palco, uma visão que, em retrospectiva, posso reconhecer como limitada e, de certo modo, influenciada por estereótipos etaristas. Contudo, em 2015, recebi o primeiro convite que me colocou diante da empolgação e felicidade do grupo, naquele período ainda com poucos integrantes. Dessa primeira experiência, surgiu o desejo coletivo de permanecer no palco. Aos poucos, o grupo, que foi se tornando mais numeroso, passou a imaginar a música da próxima coreografia, o figurino, a maquiagem, os objetos cênicos e uma musa inspiradora: Ginger Rogers (1911-1995).

Figura 1 – *Gingers* na coreografia *Dancing Queen*



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto: Carol Pires. Local: Rio de Janeiro, 2024.

Coletivamente, foi-se construindo um imaginário em torno da “*Ginger*”. A artista tornou-se o foco do grupo por ser uma das principais parceiras de dança do sapateador Fred Astaire (1899-1987), protagonizando com ele cenas icônicas dos filmes hollywoodianos, sendo símbolo de glamour, beleza e sofisticação. Tendo o sapateado como ponto em comum, as integrantes do grupo – que, naquele momento, eram exclusivamente mulheres – concederam-se a licença poética da velhice, permitindo-se cada uma, a seu modo, ser uma versão de Ginger Rogers. Assim, passaram a se autointitular: *Ginger* Corredora, *Ginger* Rainha Elizabeth, *Ginger* Mãe, *Ginger* Gardênia, *Ginger* Boxeadora, *Ginger* Escritora, *Ginger* Vedete, *Ginger* Marilyn, *Ginger* Radialista e *Ginger* Professora. Para elas, ser uma *Ginger* era um estado, uma sensação, representando a maneira como o grupo se via em cena e comungava da escolha de tornar a arte do sapateado seu novo projeto de vida no envelhecimento.

Dessa maneira, surgiu o *Grupo Gingers*, que já teve várias formações, mas que atualmente é composto por mulheres com idades entre 53 a 90 anos e um homem de 65 anos, o *Ginger* John Travolta (Figura 4). É relevante destacar que o grupo sempre agregou mulheres mais jovens, incluindo uma adolescente, que alegavam serem as idosas um grupo animado, feliz e audacioso por estarem em cena, e essas jovens desejavam fazer parte desse movimento. A relação intergeracional sempre foi harmônica, e de forma implícita, as

jovens entendiam que as pessoas mais velhas eram as protagonistas. Elas deveriam dançar conforme o desenvolvimento das idosas, oferecendo suporte a elas quando necessário.

Como professora, tornei-me o canal para viabilizar esse desejo, sempre com os ouvidos atentos aos detalhes e às histórias disponibilizadas por essas pessoas. Sendo eu, a *Ginger* Professora, a primeira missão era atender ao pedido das integrantes de estar em cena com elas, atuando como um ponto de apoio que inspira confiança às *performers* idosas, ao mesmo tempo que as lisonjeia pelo fato de uma profissional do sapateado, generosamente, compartilhar o palco com elas.

O desafio de coreografar pessoas velhas aumentou quando se iniciaram as intervenções coreográficas em festivais de dança e de sapateado. Sempre encarei a criação de coreografias para sapateadoras idosas como um desafio criativo, mesmo quando se tratavam de exercícios coreográficos em aula. Minha função como coreógrafa consistia em desenvolver a sensibilidade necessária para compreender as limitações desses corpos e transformá-las em poesia cênica, criando uma aparente uniformidade estética entre velhices tão distintas. Era uma grande ilusão de ótica, na qual as coristas, geralmente jovens e em pleno vigor físico, eram, na realidade, pessoas velhas e com o físico fragilizado.

Segundo Arguello e Ayala (2017, p. 198), a fragilidade é uma “característica vital e humana de potência, existência e criatividade”. A fragilidade biológica é singular, como constatado nas aulas e oficinas, o que conduziu a observar com cuidado a necessidade de cada pessoa, para tornar as *performances* de sapateado uma aventura de ser e de estar, desfrutando da própria velhice.

A fragilidade aparente dos corpos em cena é a premissa de recepção do espectador que constrói um elo empático com as *performers*, reconhecendo suas idades e limitações. Além disso, constitui um ponto de tensão criativa e dramatúrgica que prende o olhar, a fim de verificar se, de fato, essas pessoas velhas seriam capazes de sapatear. O espectador oscila entre acompanhar os acertos e erros das *performers* e as modificações espaciais propostas pela coreógrafa. A fragilidade humana é inerente a qualquer idade, mas só nos tornamos conscientes dela na velhice. De fato, há beleza na fragilidade que, nesse contexto, torna-se potência estética, fato que ficou evidente desde a primeira apresentação do grupo.

Nesse sentido, as elaborações coreográficas destacavam mais os gestos e o mínimo de sapateado, apresentando o que era possível, para aquelas pessoas dançarem. O processo começava com a escolha da música que, geralmente, era condizente com o gosto do grupo, tais como repertórios de musicais, artistas ou bandas que admiravam na juventude, ou até mesmo ritmos brasileiros preferidos. Em seguida, eram estruturadas as células de movimento de sapateado, pautadas nos gestos, geralmente elaborados nas aulas e oficinas, juntamente com a movimentação popular característica sugerida pela música. Algumas coreografias utilizavam objetos, acrescentando um desafio à coordenação motora, além das variações das disposições espaciais, sendo alguma delas o ponto alto da *performance*. A temática das coreografias abordava o empoderamento e a beleza dessas mulheres idosas, sendo elas, conforme o momento, misses, coristas, vedetes, com uma atmosfera de brilho e glamour, refletida nos figurinos, dentro das limitações financeiras.

O grupo foi residente em vários espaços de dança carioca, sendo frequentemente convidado para participar de seus espetáculos de fim de ano. As coreografias criadas para esses eventos eram apresentadas como intervenções performáticas em festivais de dança e sapateado. Refiro-me às aparições das *Gingers* em festivais como intervenções, pois a presença delas desconfigurava os eventos, principalmente pelo despreparo da produção. No geral, era o único grupo daquela faixa etária e as integrantes não eram reconhecidas como dançarinas em função da idade, sendo confundidas com as avós de alguma criança ou adolescente que ali se apresentaria. Então, de fato, tratava-se de conquistar um novo “lugar” no contexto da dança, visando mover as estruturas instituídas. De 2015 a 2020, mais de dez coreografias foram montadas, e as *Gingers* começaram a ser reconhecidas

pelos produtores de festivais e artistas do sapateado, gerando um crescente apelo por um espetáculo exclusivo do grupo. A concretização desse sonho estava prevista para 2020, mas a pandemia de covid-19 inviabilizou a realização do espetáculo.

Em função do isolamento social, optei por mudar o suporte artístico, passando do palco para o vídeo. Com a flexibilização do isolamento social, retomamos nossos encontros presenciais semanais e as cenas projetadas para o teatro foram adaptadas para a linguagem da videodança, nascendo assim a trilogia *Gingers* nos anos de 2021 e 2022, composta pelas obras: *Gingers*⁷, *Gingers e Fred*⁸ e *Gingers – Uma obra de arte do tempo*⁹. No primeiro vídeo, como a flexibilização ainda era restrita, optamos por gravar em sala de aula, em vez de um teatro como desejávamos, e em um espaço aberto, em um ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro (Figura 2). Como o ambiente ao ar livre favoreceu a estética da obra, as locações dos vídeos seguintes também incluíram cenas externas. Toda produção foi realizada pelo grupo, que contratou um *videomaker* para executar o roteiro que eu elaborei.

Figura 2 – *Gingers* videodança na praia de Botafogo



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto: Cassiano. Local: Rio de Janeiro, 2022.

Basicamente o processo criativo consistia em ensaiar as coreografias previamente eleitas para cada vídeo, as quais já existiam. O exercício envolvia relembrar os movimentos, captar em áudio os sons dos sapatos em sala de aula e gravar as cenas nas locações selecionadas. Em seguida, o trabalho de edição se dava por meio do diálogo remoto entre a coreógrafa/diretora e o *videomaker*, com diversas idas e vindas de experimentações de imagens. A sincronização e harmonização sonora foram as partes mais desafiadoras, pois o som é elemento essencial da obra. A temática dos vídeos abordava esse grupo de mulheres que escolheu envelhecer como estrelas do sapateado, ou seja, como “*Gingers*”, celebrando a realização de sonhos e o empoderamento da velhice como uma fase plena e bela da vida.

7 *Gingers* - Grupo Sapatos Ageless (videodança). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xCno73oW5Yw>. Acesso em: 01 set. 2025.

8 *Gingers e Fred* - Grupo Sapatos Ageless (videodança). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=31a2jgux1zY>. Acesso em: 01 set. 2025.

9 *Gingers - Uma Obra de Arte do Tempo* (Grupo Sapatos Ageless). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4XiFCns3Fgc>. Acesso em: 01 set. 2025.

Aparentemente, a linguagem da videodança favorece a dançarina senescente, pois seu processo é mais gentil, no sentido de ser menos exaustivo. A *performance* acontece uma única vez e se eterniza como obra audiovisual, além de possibilitar a opção de escolha dos melhores momentos de cada integrante, o que torna o processo menos rígido no que diz respeito aos erros e acertos de cada coreografia. O vídeo permitiu também a valorização de detalhes expressivos das intérpretes que passavam despercebidos no palco. A estreia das obras ocorreu em meu próprio canal do *YouTube*, com ampla divulgação nas redes sociais. Embora as redes sociais já fossem utilizadas como meio de divulgação do grupo, nesse momento, devido à pandemia, todos estavam mais voltados para a internet, o que fez com que as videodanças das *Gingers* ganhassem mais repercussão.

O período pós-pandêmico e o retorno das *Gingers* aos palcos dos festivais nos confrontaram com uma nova realidade, na qual a pessoa velha tornou-se a protagonista e o etarismo foi uma questão central. Esse fato, somado à ampla divulgação dos vídeos, consolidou, para as *Gingers*, o lugar da pessoa idosa no ambiente dos festivais, rendendo ao grupo três premiações, a saber: Destaque e Incentivo à Dança, pelo 9º *Festival Dança Movimento Art Carioca* (2022); Homenagem e Incentivo a Ações Inovadoras de caráter inclusivo pela arte do sapateado – V *Prêmio Bill Bojangles*¹⁰ (2023); e uma Homenagem do *Tap Workshop* (2024). O grupo, que em 2018 foi convidado a participar do programa *Manhã Leve*, da TV Aparecida, para falar sobre a dança para os idosos, voltou a estar em evidência em 2022, ao abordar o mesmo assunto no programa *Vem com a Gente*, da Band Rio.

Em 2024, ao ser contemplada no edital de ocupação da sala Mário Tavares do Theatro Municipal do Rio de Janeiro para realizar mais uma oficina de *Sapateado Ageless 60+*, recebi da produção a pauta para realizar o primeiro espetáculo das *Gingers*, concretizando um antigo sonho do coletivo. Aceitamos o desafio, mesmo sem verba para realizar a produção.

Ao longo desse percurso, como *Ginger* Professora, estive à frente do grupo como porta-voz das *Gingers*, defendendo a bandeira da inclusão da pessoa idosa no contexto do sapateado e lutando contra o etarismo na sociedade. Durante meu doutorado sanduíche¹¹, recebi o convite para que o grupo integrasse o quadro *The Wall* do programa *Domingão com Huck*, da Rede Globo de Televisão¹², com o objetivo de participar de um jogo para ganhar uma premiação em dinheiro para a realização de um sonho. O desenrolar dessa história foi surpreendente: as *Gingers* ganharam uma quantia equivalente ao valor de um edital cultural, o qual tentávamos desde 2019, o que viabilizou a realização do espetáculo. O momento mais marcante, no entanto, foi o impacto que elas provocaram com a autenticidade ao abordarem temas como a dança, o sapateado, o envelhecimento e a realização de sonhos na velhice. Ao término do programa, as *Gingers* dançaram a coreografia *New York, New York* (Figura 3) e, com o carisma de estrelas idosas, conquistaram o público.

10 Homenagem Copasetic - Prêmio Bill Boujagle. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zhdKeoNZ4cU&t=1s>. Acesso em: 02 set. 2025.

11 Realizado na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa em 2024, sob orientação da Profa. Dra. Rita Rato, com bolsa PDSE/CAPES.

12 *Gingers* no Domingão com o Huck. Disponível em: <https://photos.app.goo.gl/JxMkajrUMKi-g24WV6>. Acesso em: 02 set. 2025.

Figura 3 – Cartaz do espetáculo *Gingers*¹³ – *Uma obra de arte do tempo*



Fonte: Acervo pessoal da autora. Local: Rio de Janeiro, 2024.

O espetáculo *Gingers – Uma obra de arte do tempo* (Figura 3) que seria uma simples produção, praticamente amadora, profissionalizou-se em função dos recursos adquiridos. Foi um processo criativo árduo, realizado em um curto período devido à minha participação em estágio doutoral no exterior, mas a estrutura criativa já tinha sido alicerçada ao longo dos anos de experiência com pessoas idosas no ambiente do sapateado.

A inspiração da obra não surgiu apenas do sapateado, mas também das vivências das integrantes do grupo, seja com a dança ou não, sendo o sapateado o elo entre essas histórias e vivências. Por isso, intitulei-as como as “intérpretes-inspiradoras”, na ficha técnica do espetáculo.

As coreografias das *Gingers* já existiam, bastando apenas selecionar quais fariam parte do espetáculo. A inclusão de vídeos em cena foi uma escolha realizada de imediato, visto que essa linguagem já estava incorporada ao trabalho do grupo. De certa forma, eu intuía que a dramaturgia deveria surgir delas: mulheres comuns – advogadas, professoras, donas de casa, enfermeiras – vivendo uma velhice extraordinária. Essa singularidade não se devia apenas ao sapateado, mas também à participação em grupos de corrida, crochê, samba e tantas outras atividades.

Com filhos, netos e bisnetos, casadas ou solteiras, lidando com suas mazelas físicas, sejam dores no joelho, na coluna ou até uma prótese metálica de membro inferior, estavam esculpidas pelo tempo, por suas vivências e por suas experiências. Representavam uma geração inteira de velhice, dos 40 aos 90 anos, simplesmente por estarem presentes no palco. Uma grande surpresa para mim, refletida com a mesma entonação no espetáculo, foi a inclusão de um integrante masculino, o *Ginger* John Travolta (Figura 4).

13 Disponível em: <https://youtu.be/TRnGEzsNfWA>. Acesso em: 01 set. 2025.

Embora houvesse uma procura das aulas de sapateado também pelos homens idosos, nunca ocorreu de algum deles manifestar interesse em dançar publicamente com as *Gingers*. O processo de envelhecimento dos homens difere do das mulheres. De modo geral, as mulheres se sentem mais livres e ativas para realizar as mais diversas atividades, enquanto muitos homens se abatem diante da velhice, considerando que perderam seu vigor e virilidade. O *Ginger*, que se recusou a ter o *status* de Fred Astaire, se via como um *Ginger* tal como as colegas, desafiando a concepção tradicional de velhice masculina. Contradizia toda essa realidade de velhice masculina instituída, sendo tão livre e ativo quanto as mulheres, compartilhando da mesma alegria ao sapatear. Um homem comum, marido e pai, aposentado, que deseja viver a liberdade de realizar as atividades que lhe dão prazer e felicidade.

Ciente de que meu elenco consistia de pessoas comuns, sem formação artística profissional, optei por apresentar suas histórias de vida por meio de um vídeo documentário. Para isso, estabeleci uma parceria com o documentarista Pedro Murad, resultando não apenas em trechos que fariam parte da obra cênica, mas também no documentário completo intitulado *As Gingers*. O sapateado enreda histórias de vida únicas e peculiares, colocando as próprias *Gingers* como protagonistas e narradoras de suas experiências em primeira pessoa. Esse formato revelou e potencializou o impacto da cena, pois as narrativas delas auxiliaram o público a compreender o lugar de fala de cada uma dentro de sua *performance* sapateada.

Figura 4 – O *Ginger* John Travolta



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto: Carol Pires. Local: Rio de Janeiro, 2024.

Ao enfatizar as singularidades de cada *performer* idosa, estabeleceu-se um diálogo estético entre a experimentação em dança e o universo do sapateado dos musicais. O conceito de singularidade em Lepecki (2016) refere-se à resistência a uma categorização e a uma identificação estética a fim de examinar a função artística e política do debate proposto pelas obras.

Assim, tornou-se pertinente debater o que é a velhice nos dias atuais sob a ótica da pessoa idosa, relacionando criativamente a dança experimental com a vida. Uma questão surgiu: por que escolher pessoas comuns, e não artistas profissionais idosas? O objetivo não era representar o sujeito velho, mas apresentar a velhice como se encontra na vida,

como realmente é, uma vez que essa perspectiva tem impactado o contexto social brasileiro direcionado às pessoas idosas. Além do mais, muitos artistas da dança se interessaram pelas pessoas velhas, como a coreógrafa Pina Bausch (1940-2009) ao recoreografar a obra *Kontakthof*¹⁴ para intérpretes com mais de 65 anos, por exemplo.

É preciso considerar que existe uma grande diferença no envelhecimento dos indivíduos dançarinos para os não dançarinos, pois os velhos dançarinos, ainda que sofram as mudanças da idade como todas as pessoas, dominam a técnica da dança. Os não artistas estão descobrindo essa arte na velhice e estão mais próximos da realidade de envelhecimento da maioria das pessoas.

“Subjetividade deve ser entendida como força performativa, como a possibilidade da vida ser constantemente inventada e reinventada” (Lepecki, 2017, p. 33). Retomando a noção de envelhecimento criativo, a invenção artística fica a cargo da coreógrafa, mas para as *performers* significa uma reinvenção de seu modo de viver. O sapateado contradiz a velhice associada à falta de agilidade corporal. O corpo, nesse contexto, está comprometido com as experiências possíveis, transformando e adaptando a técnica às suas necessidades.

Coreografar a partir dos gestos sapateados foi a forma de contemplar todos os corpos, nos quais a essência do básico do sapateado, com tempos rítmicos simples e sequências coreográficas condizentes com a música proposta, proporciona um lugar de pertencimento. No contexto do sapateado estadunidense, o excesso de virtuosismo, para alguns, tona-se um elemento intimidador e excludente, como muitas pessoas relataram-me por considerarem essa arte impossível de realizar. Já, na perspectiva de alguns dos profissionais, esse lugar do “gesto”, como “forma mínima” (Martins, 2021, p. 86) é considerado menor, e quem sabe, nem seja qualificado como sapateado. Ao se referir a construções coreográficas tais como a proposta aqui, uma ontologia mais lenta, como sugere Lepecki (2016), se mostra coerente, visto que a velocidade da virtuosidade e a crítica à representação corroboraram o surgimento de outras esferas poéticas da dança e do sapateado.

Pensando na simplicidade e na realidade dos corpos em cena, as coreografias, do novo espetáculo *Gingers – uma obra de arte do tempo*, precisaram ser alteradas, pois algumas delas foram elaboradas quando a faixa etária do grupo era cerca de dez anos mais jovem. A obra contou ainda com cadeiras (Figura 5) como elemento cenográfico, utilizadas tanto para coreografias específicas quanto para descanso do elenco. As coreografias sentadas fazem referência às *Chorus Line*¹⁵, ao repertório *Copacetic’s Chair Dance*¹⁶ e à Dança Sênior¹⁷, propondo uma abordagem criativa de um objeto do cotidiano. Considerando as condições físicas do elenco, cada *performer* participou de três partes do espetáculo, ou seja, três coreografias, para que se sentissem confortáveis em cena.

14 Detalhes acerca da obra em Tanztheater Wuppertal Terrain. Disponível em: <https://www.pina-bausch.de/en/plays/39/kontakthof-with-ladies-and-gentlemen-over-65>. Acesso em: 01 set. 2025.

15 Fun Tap & Chorus Number 1933 (Hal Le Roy). Disponível em: <https://youtu.be/VkYvzO6MT-cl>. Acesso em: 02 set. 2025.

16 Copasetics routines - Chair Dance, BS Chorus. Disponível em: <https://youtu.be/zLRCMB-KHLjY>. Acesso em: 02 set. 2025.

17 Dança sentada acordando o corpo. Disponível em: <https://youtu.be/ce5i2g12qiA>. Acesso em: 03 set. 2025.

Figura 5 – Coreografia das cadeiras



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto: Carol Pires Local: Rio de Janeiro, 2024.

Outro ponto desafiador foi a memorização das coreografias pelo grupo. Para isso, realizamos uma pequena oficina focada na memória das coreografias. No primeiro momento, fizemos anotações dos lugares e movimentos/passos das coreografias com as mais velhas do grupo. No segundo, utilizamos a estratégia do método *O Passo*¹⁸, cantando o ritmo que foi gravado em formato MP3 para que fosse decorado como um repertório musical.

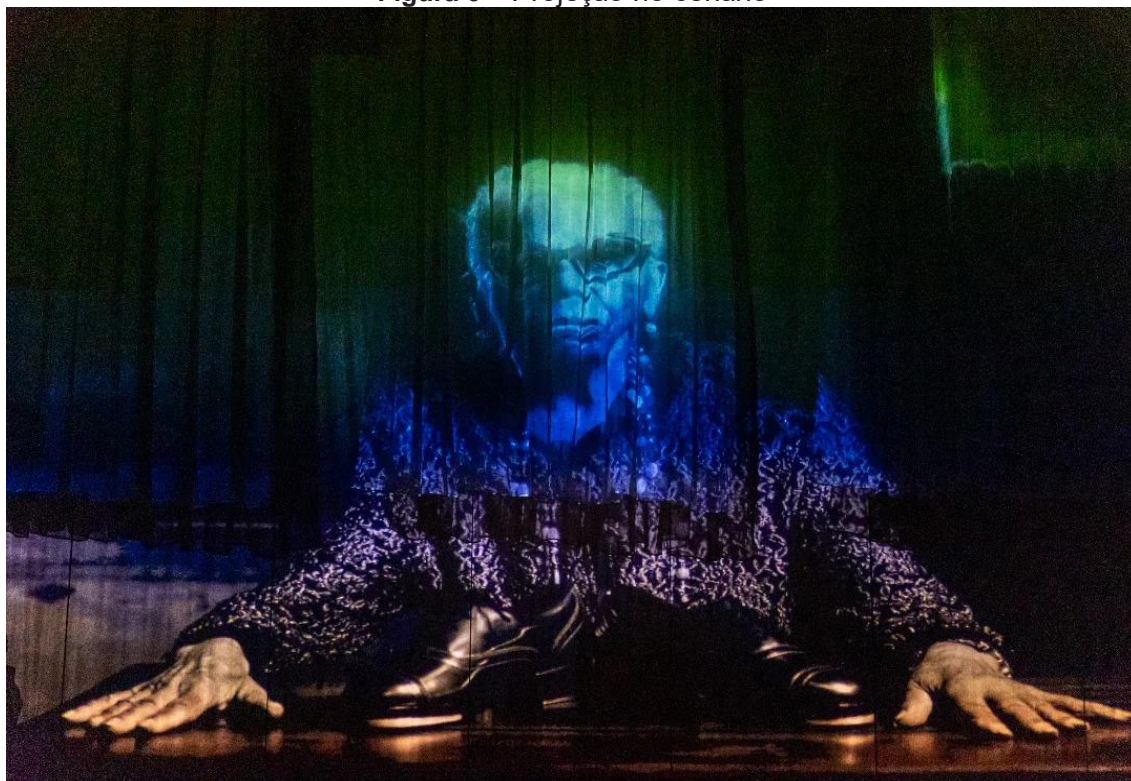
O espetáculo contou com a participação do músico/sapateador Alexei Henriques, que, juntamente comigo, foi responsável pelos números profissionais de sapateado. Essas *performances* contrastaram com os movimentos das coreografias das idosas, pois nossos gestos sapateados foram lapidados ao longo de uma vida, tornando a técnica algo intrínseco a nós. Porém, esses solos e o duo destacam o trabalho desenvolvido com os gestos sapateados das pessoas idosas, por meio do contraste, colocando lado a lado os diferentes sapateados e suas corporeidades.

A dramaturgia oscila entre a vida real e o imaginário de sapateado criado pelas *Gingers*, no qual o “filme musical” acontece ao vivo e a cores, em cena, em primeiro plano, enquanto a vida real é retratada em preto e branco, em vídeo (Figura 6), projetado na tela ao fundo do palco.

Todos os elementos orbitam em torno de valorizar os gestos sapateados das idosas em cena, desde o figurino, que busca uniformizar e evocar os musicais, até o vídeo, o cenário e as coreografias dos convidados. As idosas são as protagonistas: as *Gingers*, que, em primeira pessoa, relatam como é envelhecer com alegria, experienciando seus corpos velhos, com dignidade e glamour, apresentando os aspectos positivos da velhice, como mais uma fase da vida que merece ser vivida em sua plenitude.

18 Ver em: <https://www.institutodopasso.org/metodo>. Acesso em: 01 set. 2025.

Figura 6 – Projeção no cenário



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto: Carol Pires. Local: Rio de Janeiro, 2024.

Considerações finais

Nos últimos anos, é possível verificar como as pessoas idosas escolheram o sapateado como uma forma criativa de envelhecer, gerando um fenômeno em ascensão na sociedade brasileira, onde cada indivíduo pode dançar sua própria “bela velhice” (Goldenberg, 2017).

Sentir e perceber o sapateado, colocando-se no lugar do outro sem subestimar seus corpos, transformou o espetáculo *Gingers – Uma obra de arte do tempo* no nosso gesto artístico sapateado. Através dele, foi possível construir uma poética das pessoas velhas que sapateiam, tal qual uma obra de arte da vida, que materializou o sonho coletivo de um grupo de idosas. Nesta obra, os gestos artísticos sapateados constituem “assinaturas” (Figura 7) singulares que emergem da dança de cada pessoa e que têm transformado e inspirado a maneira de envelhecer tanto de quem esteve no palco quanto de quem assistiu ao espetáculo *Gingers – Uma obra de arte do tempo*.

Figura 7 – Cena da “assinatura”¹⁹



Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto: Carol Pires. Local: Rio de Janeiro, 2024.

A vivência estética do sapateado oferece benefícios relacionados aos modos e aos propósitos de vida das pessoas idosas. O engajamento com a estética da existência, conforme discutido por Arguello e Ayala (2017) a partir da experiência com o *Grupo Gingers*, revela como essa abordagem se faz apropriada no contexto do envelhecimento, pois propõe o diálogo sensível com essa realidade de corpo e suas singularidades. Torna-se evidente como a arte pode transformar a forma de viver de indivíduos velhos, ao atribuir novos significados e mais potência ao ser. O sapateado redimensiona o envelhecimento via corpo, e esses corpos velhos são glamourizados como obras de arte do tempo, sendo os gestos sapateados o mecanismo que lhes confere pertencimento ao contexto artístico.

Pelo exposto, o sapateado se estabelece como um desafio possível para as pessoas velhas. Desvela uma potência criativa que dá voz a falas subjetivas, socialmente engajadas, como a do envelhecimento, por exemplo, sem exclusão. Em suma, ao final, o essencial é que, para sapatear, basta querer.

Referências

ARGUELLO, Leslye Revely dos Santos; AYALA, Lilian Crepaldi de Oliveira. A Fragilidade como potência: A valorização do envelhecimento nas obras de arte. In: GIORA, Regina Célia Faria Amaro (org.). *Criatividade e longevidade: um olhar da educação, arte e cultura*. São Paulo: Gênio Criador, 2017. p. 197-203.

CASTEL, Alan D. *Better with Age: The Psychology of Successful Aging*. New York: Oxford University Press, 2019.

¹⁹ Roda de improvisação dançada, onde cada *Ginger* expressa suas conexões com os gestos sapateados e suas vivências externas. Momento de livre expressão individual, sem regras.

COPASETICS routines - Chair Dance, BS Chorus. Rio de Janeiro, 2024. 1 vídeo (2 min 29 s). Disponível em: <https://youtu.be/zLRCMBKHLjY>. Acesso em: 02 set. 2025.

CHANG, Heewon. *Autoetnografia como método*. Porto Alegre: Penso, 2016.

FUN Tap & Chorus Number 1933 (Hal Le Roy). Rio de Janeiro, 2024. 1 vídeo (2 min 18 s). Disponível em: <https://youtu.be/VkYvzO6MTcl>. Acesso em: 02 set. 2025.

GINGERS - Grupo Sapatos Ageless (videodança). Rio de Janeiro, 2021. 1 vídeo (9 min 57 s). Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=xCno73oW5Yw>. Acesso em: 01 set. 2025.

GINGERS e Fred - Grupo Sapatos Ageless (videodança). Rio de Janeiro, 2022. 1 vídeo (6 min 35 s). Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=31a2jgux1zY>. Acesso em: 01 set. 2025.

GINGERS - Uma Obra de Arte do Tempo (Grupo Sapatos Ageless). Rio de Janeiro, 2022. 1 vídeo (7 min 52 s). Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=4XiFCns3Fgc>. Acesso em: 01 set. 2025.

GOLDENBERG, Mirian. *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____, Mirian. *A Bela Velhice*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

HOMENAGEM Copasetic - Prêmio Bill Boujagle. Rio de Janeiro, 2023. 1 vídeo (1 min 54 s). Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=zhdKeoNZ4cU&t=1s>. Acesso em: 02 set. 2025.

LEPECKI, André. *Singularities: dance in the age of performance*. New York: Routledge, 2016.

_____, André. *Exaurir a dança: performance e a política do movimento*. Tradução: Pablo Assumpção Barros Costa. São Paulo: Annablume, 2017.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de envelhecer*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SOUZA, Elisa Teixeira de. O Sistema de François Delsarte, o método de Émile Jaques Dalcroze e suas relações com as origens da dança moderna. Orientadora: Silvia Adriani Davini. 2011. 273 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/9475>. Acesso em: 12 fev. 2025.

TANZTHEATER WUPPERTAL TERRAIN. *Kontakthof With Ladies and Gentlemen over 65*. Detalhes sobre a obra em: <https://www.pina-bausch.de/en/plays/39/kontakthof-with-ladies-and-gentlemen-over-65>. Acesso em: 01 set. 2025.

TÓTORA, Silvana. *Velhice: uma estética da existência*. São Paulo: EDUC, 2016.

WEBER, Suzane; DANTAS, Mônica Fagundes; SCHUL, Eva; SEVERINO, Eduardo; DUARTE, Robson; TREVISAN, Luísa. 2020. I am/we are: Contemporary dance, somatics and new older bodies. *Journal of Dance & Somatic Practices*, v. 12, n. 1, p. 141 153, ago. 2020. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/jdsp_00018_3. Acesso em: 28 abr. 2025.

Recebido: 06/09/2025.

Aceito: 06/04/2026.

Aprovado para publicação: 26/04/2026.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International.